

OFICINA DE NINHOS ARTIFICIAIS PARA A CAPTURA DE ABELHAS SEM FERRÃO

Área Temática: Meio Ambiente

Coordenador(a) da atividade: Maria Marta LODDI

Monise de Matos MAYER[1]; Maria Eduarda Batista COSTA 1; João Vitor MACHADO 2; Rhaissa Garcia de ASSIS 3.

Manejo e biodiversidade de abelhas sem ferrão como ferramenta de educação ambiental 2ª Edição

Resumo: As oficinas de iscas para a captura das abelhas sem ferrão foram desenvolvidas como ações extensionistas, com foco na conservação da biodiversidade, na educação ambiental, a promoção da meliponicultura urbana e comunitária. O objetivo principal foi capacitar os participantes para a confecção e utilização de ninhos iscas como ferramenta de captura de enxames, ressaltando práticas de manejo sustentável e a importância ecológica desses polinizadores. A metodologia combinou exposição dialogada com prática orientada de montagem das iscas, utilizando materiais recicláveis, acessíveis e técnicas de baixo custo. Foram abordados aspectos da biologia das abelhas sem ferrão, critérios de instalação e monitoramento, além de cuidados éticos relacionados ao bem-estar das abelhas sem ferrão. Os resultados indicaram alto engajamento dos participantes, com relatos de captura de enxames e fortalecimento da percepção sobre o valor socioambiental da meliponicultura. A ação também favoreceu a integração de saberes científicos e tradicionais, promovendo a troca de experiências entre os envolvidos. Constatou-se, ainda, a contribuição para a formação cidadã e para a articulação entre ensino, pesquisa e extensão, reforçando a relevância da conservação de polinizadores nativos, fundamentais para a manutenção dos ecossistemas e para a sustentabilidade agrícola.

Palavras-chave: Abelhas nativas, Meliponicultura, Sustentabilidade.

INTRODUÇÃO

As abelhas sem ferrão constituem um dos principais grupos de polinizadores das regiões tropicais e subtropicais, sendo essenciais para a manutenção da biodiversidade e para a produção agrícola sustentável, já que muitas plantas dependem total ou parcialmente de sua ação. Além do valor ecológico, a meliponicultura apresenta potencial socioeconômico

[1] Apresentador(a)

crescente, pois possibilita a geração de renda por meio da produção de mel e derivados, ao mesmo tempo em que promove práticas de conservação ambiental (VENTURIERI, G, C. 2008).

Entretanto, o desmatamento, o uso indiscriminado de agrotóxicos e a perda de habitats naturais têm reduzido as populações desses polinizadores, demandando ações de sensibilização e manejo sustentável. Com isso, o projeto de extensão se mostra estratégico, ao unir ensino e comunidade em práticas que promovem conservação e sustentabilidade.

A oficina de iscas foi concebida com essa finalidade de atender públicos diversos, como produtores rurais, estudantes de escolas agrícolas, centros técnicos, escolas de ensino básico e professores e todos aqueles interessados em adquirir conhecimento. A ação extensionista justifica-se pela necessidade de aproximar conhecimentos científicos e saberes tradicionais, capacitando a comunidade em técnicas simples e acessíveis de captura de enxames e manejo racional. Contribui para a valorização dos polinizadores nativos, a difusão da meliponicultura e o fortalecimento da consciência socioambiental, ressaltando sua relevância educativa e social.

OBJETIVOS

Entre os objetivos propostos a capacitação dos participantes na confecção e utilização de ninhos isca para a captura de enxames de abelhas sem ferrão, de forma prática e interativa, possibilitando a difusão de uma técnica acessível e ambientalmente correta. Também buscou-se promover a conscientização sobre a importância ecológica e socioeconômica das abelhas sem ferrão, ressaltando seu papel essencial na manutenção da biodiversidade e na sustentabilidade agrícola. As oficinas ainda tiveram como proposta integrar a experiência prática dos participantes com fundamentos técnicos e científicos, promovendo uma meliponicultura mais consciente e sustentável. Além disso, o projeto teve como meta sensibilizar a sociedade acerca da relevância das abelhas sem ferrão, contribuindo tanto para a conservação ambiental quanto para a formação cidadã dos envolvidos, reforçando o compromisso da universidade com a transformação social e a preservação da biodiversidade.

METODOLOGIA

As oficinas foram desenvolvidas a partir de uma abordagem integradora, unindo momentos expositivos, dialogados e atividades práticas. Foram discutidos conceitos das abelhas sem ferrão, sua relevância ecológica como polinizadores nativos e os princípios de conservação aliados à ética no manejo dos enxames. Em seguida, foram repassadas as técnicas necessárias para a confecção dos ninhos iscas. Assim, os participantes confeccionaram iscas utilizando materiais acessíveis e de baixo custo, como garrafas PET de vários tamanhos, jornais e panfletos de propaganda, embalagens plásticas como sacos de lixo e atrativos naturais para as abelhas sem ferrão. Em todas as atividades os participantes foram orientados quanto ao preparo adequado, instalação nas árvores no campo e monitoramento contínuo dos ninhos.

A metodologia foi fundamentada na participação ativa dos envolvidos, estimulando o diálogo entre extensionistas e comunidade, a troca de experiências e o resgate de saberes locais, de forma a valorizar tanto o conhecimento científico quanto o popular. Além disso, foram promovidas discussões coletivas sobre os desafios e as oportunidades da meliponicultura como alternativa sustentável para geração de renda e conservação ambiental.

Como instrumentos de avaliação, aplicaram-se registros fotográficos, anotações de campo e relatos orais dos participantes. Esses registros permitiram verificar o grau de engajamento, a assimilação dos conteúdos e a efetividade prática da ação, além de apontar possibilidades de aprimoramento para futuras edições da oficina.

RESULTADOS

A ação evidenciou a interação dialógica, promovendo intensa troca de experiências entre estudantes, agricultores familiares e membros da comunidade urbana interessados na meliponicultura. Demonstrou interdisciplinaridade, ao integrar conhecimentos, manejo ambiental, educação e conservação, e reforçou a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, ao permitir que conceitos teóricos fossem aplicados em atividades práticas de confecção e monitoramento de iscas. Ademais, contribuiu para o impacto na formação dos estudantes, desenvolvendo habilidades técnicas, senso crítico e consciência ambiental, e para a transformação social, ao incentivar práticas de manejo sustentável e conservação ambiental em propriedades rurais e comunidades urbanas.

As oficinas alcançaram ampla participações de diferentes públicos, incluindo estudantes do ensino fundamental, médio, técnico e universitário, agricultores familiares, professores, membros da terceira idade e membros da comunidade urbana. Os participantes confeccionaram suas próprias iscas e receberam orientações detalhadas sobre monitoramento em campo, permitindo que aplicassem diretamente os conhecimentos adquiridos. Entre os resultados práticos, destacam-se o sucesso na aquisição de enxames nos ninhos iscas distribuídas, tanto pela universidade quanto em escolas e demais lugares, evidenciando a efetividade das técnicas ensinadas. Além disso, as atividades favoreceram a troca de experiências e ideias, fortalecendo o aprendizado coletivo, estimulando a reflexão sobre sustentabilidade e promovendo maior conscientização sobre o papel dos polinizadores atividades extensionistas.

Figura 1 – Isca instalada no Campus Uvaranas da Universidade Estadual de Ponta Grossa, com a presença da espécie de abelha sem ferrão Jataí (*Tetragonisca angustula*), espécie comum na região, as quais ocuparam a isca 20 dias depois de instalada, e observada pelos participantes de uma Oficina de Iscas.



A avaliação da ação foi realizada a partir de observações diretas, registros fotográficos, relatos e feedbacks dos participantes durante e após as oficinas. Os instrumentos incluíram a verificação da participação ativa, aplicação correta das técnicas de confecção e



monitoramento das iscas, sucesso na aquisição de enxames e relatos sobre a troca de experiências e aprendizado. Os critérios adotados permitiram analisar o engajamento da comunidade, o impacto na formação dos estudantes e o alcance dos objetivos da ação, fornecendo subsídios para ajustes e melhorias em futuras atividades extensionistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A equipe envolvida na oficina de iscas avalia o trabalho como altamente positivo e enriquecedor, destacando a satisfação em observar o engajamento dos participantes e o efetivo aprendizado prático alcançado. A motivação principal da ação foi proporcionar conhecimento técnico e promover a conscientização ambiental, incentivando práticas de manejo sustentável das abelhas sem ferrão. Entre os desafios enfrentados, destacaram-se a necessidade de adaptar as atividades a públicos variados, equilibrando informações teóricas e práticas, e a logística para distribuição e acompanhamento das iscas em diferentes locais, e também iscas danificadas por fatores externos.

A ação demonstrou contribuição significativa para o público-alvo, ao possibilitar que estudantes, produtores e membros da comunidade adquirissem habilidades práticas, compartilhassem experiências e aumentassem sua compreensão sobre o papel dos polinizadores na manutenção da biodiversidade e na produção agrícola sustentável. O sucesso na aquisição de enxames nos ninhos iscas e o interesse demonstrado em replicar as técnicas em suas propriedades evidenciam o impacto positivo da oficina.

Como perspectiva futura, propõe-se a realização de novas oficinas, produção de material didático e estabelecimento de parcerias com escolas e agricultores, de modo a ampliar o impacto da ação extensionista e consolidar a meliponicultura como prática social e ambientalmente relevante.

APOIO

Agradeço à Proex, Fundação Araucária e a Universidade Estadual de Ponta Grossa pelo apoio e a ITAIPU Parquetec pela concessão da bolsa, e a todos os envolvidos que tornaram possível a realização deste projeto, fortalecendo o desenvolvimento de suas ações e a formação de seus participantes.

REFERÊNCIAS

VENTURIERI, G. C**. Criação de abelhas indígenas sem ferrão**. 2. ed. rev. e atual. Belém, PA: Embrapa Amazônia Oriental, 2008. 60 p. Disponível em: https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/1079116/1/CriacaoAbelhaSemFerrao.pdf. Acesso em: 05/09/2025.